

Paluana Curvelo Luquiari-1

Patrícia Del Nero Velasco-2

1-UFABC - Universidade Federal do ABC

2-UFABC - Universidade Federal do ABC

Durante o período no qual acompanhamos as aulas nas escolas estaduais, percebemos que os alunos sentem falta de professores inspirados para dar aulas de Filosofia, além disso, nos pareceu que o material utilizado, a saber, os Cadernos do Estado (SEE/SP, 2009), não apresentavam conteúdo propriamente filosófico, o que poderia justificar a falta de interesse dos professores, prejudicando, assim, o desenvolvimento filosófico dos alunos; desta forma, entendemos, tal qual Gelamo (2007, p.232), que “o limite que se colocava ao ensino de filosofia era o filosofar”.

Partindo deste cenário, o subprojeto FILOSOFIA do PIBID-UFABC propôs que os alunos bolsistas desenvolvessem planos de aula para ajudar os professores que se dispusessem a dar as aulas propostas pelo caderno, de tal sorte que o conteúdo filosófico pudesse estar presente em sala de aula. Posteriormente, surgiu a ideia que desenvolvêssemos um Almanaque do subprojeto FILOSOFIA do PIBID-UFABC, que serviria como uma alternativa, ou mesmo um auxiliar para os Cadernos. Nosso Almanaque procurou manter os temas propostos pelo Caderno do Estado, mas, ao mesmo tempo, procuramos fazer com que esse material fosse capaz de despertar o interesse do aluno de forma lúdica, porém sem que se perdesse o conteúdo filosófico.

Nesse sentido, o primeiro capítulo proposto para elaborarmos deveria abordar “O que é o pensar filosófico: suas características, limites e possibilidades no século XXI”, o qual, deveria se subdividir nos seguintes temas: “Sobre a imagem da nova geração: incapacidade de ler, refletir, filosofar”, “O que é Filosofia?” e “Filosofia e outras formas de conhecimento”. Pretendia-se, com essas temáticas, percorrer e aprofundar os tópicos “Porque filosofia?” e “O que é filosofia”, respectivamente sugeridos para a 1ª e 3ª séries do Ensino Médio na Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina Filosofia (SEE/SP, 2012).

Para avaliar a eficácia do material, julgamos necessário aplicá-lo em uma aula para o ensino médio. Dado que disporíamos apenas de uma aula, nos vimos obrigados a escolher apenas um dos temas, e o tema escolhido para trabalhar foi “O que é Filosofia?”, dada a necessidade intrínseca dos alunos entenderem o que é a filosofia e para que eles devem estudá-la.

O objetivo a ser alcançado nessa aula era que os alunos fossem capazes de problematizar o presente deles mesmos, fazendo com que formulassem um problema sobre seu presente, tendo o cuidado para que não fossem desenvolvidos pseudoproblemas, ao invés de problemas propriamente ditos. Nesse sentido, seguimos o que Gelamo (2007, p. 240) recomenda, a saber:

Para escapar dos pseudoproblemas colocados pela analítica da verdade/imagem dogmática do pensamento, faz-se necessário inventar um problema que problematize a contingência mesma do problematizador, no sentido de não buscar simplesmente um problema que já fora anteriormente colocado à moda dos pseudoproblemas, mas que corresponda ao movimento de produção de realidade imanente.

Além disso, era de suma importância que os alunos entendessem que a filosofia não é um conhecimento difícil e inacessível àqueles que não a entendem e que eles não eram apenas reprodutores de conhecimento, pois o aluno não pode se limitar a mera reprodução de conteúdos, ao contrário, é preciso que os alunos aprendam a filosofar.

Nesse sentido devemos lembrar que todos nós, inclusive os alunos, fazemos questionamentos filosóficos, todos os dias, na medida em que nos perguntamos, por exemplo, quem somos, de onde viemos, por que estamos aqui, para onde vamos depois de morrer? Ou então, como sabemos alguma coisa, como funciona a mente de outra pessoa, o mundo em que vivemos é real? Ou ainda, como

podemos definir o que é o justo ou o bom? Toda vez que nos fazemos essas perguntas e que tentamos encontrar respostas para elas, fazemos, em certo sentido, filosofia.

A reflexão filosófica encerra certas características e pressupostos fundamentais, a saber, admitir a própria ignorância, colocar o que nos intriga em suspensão para avaliar, criar e dar precisão aos conceitos e procurar fundamentar as ideias.

Os alunos devem entender que não é necessário chegar a uma única resposta para a pergunta que nos fazemos, pois a atitude filosófica já se realiza na própria busca por essas respostas, desde que sigamos as características e os pressupostos fundamentais. Nesse sentido, os alunos deveriam entender que

A filosofia é diferente da ciência e da matemática. Ao contrário da ciência, ela não se apoia em experimentos ou na observação, mas apenas na reflexão. E, ao contrário da matemática, não dispõe de nenhum método formal de verificação. Ela se faz pela simples indagação e arguição, ensaiando ideias e imaginando possíveis argumentos contra elas, perguntando-nos até que ponto nossos conceitos de fato funcionam. (NAGEL, 2007, p. 2).

E também que

A filosofia também ultrapassa os limites de várias disciplinas diferentes, incluindo a ciência, a história e as artes. Criada a partir do questionamento dos dogmas religiosos e superstições, a filosofia também investiga a própria religião, formulando perguntas como ‘Deus existe?’ ou ‘Temos uma alma imortal?’. Tais questões têm suas raízes na metafísica, mas implicações também na ética. (BUCKINGHAM et al, 2011, p. 15)

Para atender aos objetivos da aula, depois de passados os conceitos, foi pedido um exercício aos alunos, de tal sorte que todos da sala deveriam diagnosticar seu presente e encontrar um problema pelo qual se sentissem intrigados. Para medir se a reflexão filosófica foi de fato construtiva, foi pedido que os alunos dessem uma resposta a essa pergunta antes da reflexão e uma após essa reflexão, depois eles deveriam compará-las e diagnosticar se a reflexão filosófica cresceu-lhes algo.

Desta forma, eles puderam ver o que é filosofia, na medida em que entenderam as características e os pressupostos fundamentais da reflexão filosófica e os colocaram em prática, e também puderam ver a pertinência da Filosofia em sala de aula, na medida em que compararam seu ponto de vista antes da reflexão, que se aproximava ao senso-comum, e após a reflexão, o qual se configurava mais rigoroso, mais rico, mais fundamentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUCKINGHAM, Will et al. O livro da filosofia. São Paulo: Globo, 2011.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. Ensino de filosofia para não-filósofos. Filosofia de ofício ou ofício de professor: os limites do filosofar. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 231-252, jan./abril. 2007.

NAGEL, Thomas. Uma breve introdução à filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SEE/SP. SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Caderno do professor: filosofia, ensino médio. São Paulo: SEE, 2009.

SEE/SP. Secretaria do Estado da Educação de São Paulo. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina Filosofia. São Paulo: SEE, 2012.

Área: Filosofia

Palavras-chave: